

**ANDRÉA
DEL
FUEGO**

OS MALAQUIAS



COMPANHIA DAS LETRAS



1998
1999

1998
1999



Aos personagens desta história

1.

Serra Morena é íngreme, úmida e fértil.

Aos pés dela vivem os Malaquias, janela com tamanho de porta, porta com autoridade de madeira escura.

— Corre, Adolfo!

Donana pedia ajuda ao marido, ele cravou o machado na lenha e foi acudir. A bacia brilhava no fundo da cisterna, Adolfo desceu a corda com o balde amarrado na ponta, o encaixou na bacia e foi arrastando-a de volta pela parede. A mulher não fazia mais o pesado, um ombro mais baixo que o outro, branca rosada, lábio fino. Com osso quebradiço passou a benzer espinha de criança e com reza ganhava fubá, café e leite. As crianças fizeram um círculo em torno do poço, o lençol freático refletia três pares de mãos, cada par moldurando dois brilhos e um nariz: Nico tinha olho azul, nove anos. Antônio, miúdo, seis. Júlia, barriguda, quatro.

2.

Todos se recolheram, a noite ia grossa, o vento afrouxava as janelas. As telhas vibravam, num mínimo gesto a tempestade nasceria dentro da casa. Os pais dormiam em um quarto. Nico, Júlia e Antônio em outro, na mesma cama, aninhados em forma de embrião.

Um gato esticou as pernas, as paredes se retesaram. A pressão do ar achatou os corpos contra o colchão, a casa inteira se acendeu e apagou, uma lâmpada no meio do vale. O trovão soou comprido até alcançar o lado oposto da serra. Debaixo da construção a terra, de carga negativa, recebeu o raio positivo de uma nuvem vertical. As cargas invisíveis se encontraram na casa dos Malaquias.

O coração do casal fazia a sístole, momento em que a aorta se fecha. Com a via contraída, a descarga não pôde atravessá-los e aterrar-se. Na passagem do raio, pai e mãe inspiraram, o músculo cardíaco recebeu o abalo sem escoamento. O clarão aqueceu o sangue em níveis solares e pôs-se a queimar toda a árvore circulatória. Um incêndio interno que fez o coração, cavalo que corre por si, terminar a corrida em Donana e Adolfo.

Nas crianças, nos três, o coração fazia a diástole, a via expressa estava aberta. O vaso dilatado não perturbou o curso da eletricidade e o raio seguiu pelo funil da aorta. Sem afetar o órgão, os três tiveram queimaduras ínfimas, imperceptíveis.

Nico acordou e não saiu da posição, tenso, esperou o dia. A chuva não impediu que a noite clareasse, o galo ficou mudo. No quarto dos pais o sol entrou pelas telhas destruídas, o casal estava enrijecido sobre a cama, mas ninguém diria que uma faísca de fogo os havia cozido por dentro. O colchão e a borda das telhas ficaram enegrecidos, Nico foi até lá e se deu conta do embate entre luz e carne. Antônio abriu os olhos, em choque. Júlia estava alerta, mas não se mexia, não levantou a pálpebra, Nico a deu por morta. Ele puxou Antônio pela mão, atravessaram a sala, seguiram pela trilha que os deixou na porteira. Os dois ficaram sentados debaixo de um arbusto.

Antônio cutucou o braço de Nico, a perturbação era fome. Nico voltou, a provisão mais acessível foi uma rapadura, que ele enfiou no bolso molhado. Ouviu barulho no quarto, era Júlia, assustada. Mal desceu da cama e Nico a alcançou, pegou-a no colo, as pernas compridas batiam no joelho dele.

Antônio roeu a rapadura, os outros se recolheram um com outro. Vacas se ergueram no fim da estrada, atrás delas um adolescente segurando um galho, água gelada pingava do chapéu, estiou. Os irmãos tremiam, lábio roxo, pés frios.

— Nico!

Timóteo era empregado de Geraldo Passos, dono da fazenda Rio Claro. Timóteo foi até a casa dos Malaquias, entrou e voltou correndo. Disse nada, montou os três no cavalo sem arreio que vinha junto à boiada e continuou o trajeto. Assim que Geraldo viu os três em escadinha, mandou a velha empregada trazer café.

— Timóteo, amanhã você leva os pequenos pro lar da irmã francesa, lá na cidade. O maior fica comigo.

Dormiram os três juntos no tapete, em espiral estreita, ao lado da cama de Timóteo. Antes de saírem do quarto, Nico botou o resto da rapadura no bolso da irmã.

— Não chora, vou buscar vocês.

A pequena enxugou o rosto com a barra do vestido e a rapadura caiu. Antônio a pegou do chão e guardou no bolso dele, censurando a irmã. Timóteo levou Antônio e Júlia a cavalo. Seis horas de viagem até a pequena cidade.

— De onde são? — veio a irmã Marie.

— Os pais foram esturricados, caiu trovão na casa. O mais velho ficou na fazenda, seu Geraldo pegou o menino pra ele.

Marie levou os dois para um pátio, esperariam ali até que se ajeitasse uma cama em um dos quartos.

3.

— Deixa ver tua boca.

Nico abriu e revelou uma amígdala inflamada.

— Tizica, pega um mato pra chá que ele tá com dor de garganta. Amanhã ele começa no café — ordenou Geraldo.

Tizica cuidava da casa e tirava o que podia de uma espiga de milho: angu, fogo, papel de tabaco, óleo, curau. Tratou de Nico com uma erva qualquer, fingiu dar a ele o unguento certo. Deixou que a garganta inflamasse até um limite possível, assim ele não trabalharia debaixo de sol. Tizica levava bolo para o quarto e especulava Nico.

— Como ficou o corpo da tua mãe?

A empregada não descansava desde a chegada do menino, numa manhã foi ter com o patrão.

— Vou ficar com o Nico.

— Ser teu filho vai mudar nada, boto ele pra trabalhar do mesmo jeito. Amanhã ele vai ajudar Osório pentear o café no terreiro.

Dia seguinte, Tizica veio dizer que o garoto estava febril, que daquele jeito não ia render, nem adiantava, ia dar mais trabalho.

— Nico já perdeu uma mãe. Na tua idade, não demora ele perde outra — respondeu Geraldo.

Os dias correram, Nico levava para o cafezal o almoço dos trabalhadores. A febre se mantinha, vestígios do raio ficaram nos olhos, cintilando. Numa madrugada, levantou-se e foi à cozinha, a lenha em brasa deu um halo vermelho ao menino, os sabugos de milho estalavam no calor do fogão, o filtro de barro era seco e vazio.

— Vai deitar, moleque — disse Tizica, de camisola.

Ao encostar nele percebeu a febre, mais um pouco matava as enzimas que transformam farinha de trigo em célula humana. Foi à cisterna puxar um balde com água. Levou com ela o garoto, que sorveu o frio madrigal. Molhou a nuca, os braços, testa, por fim todo o balde pelo corpo magro. Levantou a camisa dele, deixando o pulmão tomar raios lunares.

— Vai te esfriar.

Tizica ouviu barulho no mato, podia ser lobo indo sondar galinhas. Fosse, Geraldo sairia com a espingarda. Questão de minuto e o patrão engatilhou no alpendre. Não viu os dois no terreiro, Nico tinha adormecido no colo de Tizica, ela estava sentada, imóvel. O barulho se aproximou, Nico gritou com o tiro. O lobo caiu perto das cebolinhas.

4.

Júlia tinha os vestidos engomados, as meias passadas. Antônio o mesmo trato. As irmãs francesas estavam em missão católica na pequena cidade, gostavam de crianças enquanto elas cresciam e repetiam ensinamentos. Talco e farelo de sequilhos pulverizavam o chão de madeira. As jarras de refresco eram coloridas pelo sumo das frutas que se acomodava no leito. Quadris tensos, costelas curvas, ombros curvos. Pele fina, lençóis alvejados, broches e madrepérolas à noite.

— Talvez a família árabe fique com a pequena, a menina é obediente — supôs Marie.

— Mandarei uma carta — decidiu Cecille, cruzando as mãos.

A resposta chegou em um mês.

Irmãs,

Irei conhecer a menina no próximo outono.

Leila

A matriarca árabe chegou com duas malas, ia ficar poucos dias, só o tempo de visitar o colégio. Cecille ofereceu

pouso no quarto com janela para o pátio. Do parapeito, Leila analisaria Júlia sem ser notada. Estudar os modos, o semblante, a pedra bruta.

— Volto para buscá-la em quatro anos.

— O que achou de Antônio?

— Quero só a menina.

Marie e Cecille não deram a notícia para Júlia, fariam isso às vésperas de sua partida para a capital. Nessa época Tizica foi à cidade comprar fazendas florais e estendeu visita aos irmãos de Nico.

— Eu ficaria com os três.

— Júlia já conseguiu um destino — disse Marie.

Tizica voltou com tecidos e pães de canela. Disse ao Nico, enquanto ele comia, que Júlia ia para longe e que Antônio ninguém quis. Antes de Geraldo ir dormir Tizica foi amornar o leite do patrão.

— Tô pensando em levar Nico pra ver os irmãos.

— Ninguém vai pra cidade, quero os dois aqui dentro.

Timóteo estava montado na porteira, barro no sapato, acendia um cigarro. Árvores altas, finas nas pontas, o óleo do eucalipto tentando sair de dentro das folhas. Nico carregava lenha, só mais dois feixes adentrando a despensa e terminaria o trabalho. Timóteo apagou o cigarro, desceu e deu com ele. Nico saudou o rapaz, diminuindo o passo.

— Sabe nadar, Timóteo?

— Nadar pra onde? Ficou doido?

Nico botou sobre o ombro o último monte de lenha e entrou.

5.

Nico não saía da fazenda Rio Claro fazia quatro anos. Traços adultos já borravam a cara infantil. Notícia dos irmãos vinha por Tizica, ela os visitava de três em três meses. Antônio demorou a ser alfabetizado, tinha dificuldade de concentração, tímido, não permitia aproximações. Júlia articulava sílabas com facilidade e recebia cuidados para não perder o viço dos doces de vitrine. Era borrifada com lavanda, o cabelo alinhado com pente de osso.

A adoção, bagagem e documentos de Júlia estavam acertados. O carro escuro e encerado parou na entrada do colégio. Irmã Cecille desceu as escadas para receber a matriarca. Leila beijou a mão da freira e pediu a bênção, concedida num murmúrio automático. A mulher suplicou pressa e nenhuma cerimônia na despedida para que pegassem estrada imediatamente.

Cecille foi apanhar Júlia enquanto Marie se aproximava.

— Antônio chora, pede pra ir também, a senhora...

— Só a menina.

Leila conferia o relógio no pulso largo, Marie tossiu. Júlia surgiu embalada num vestido branco bordado nas

mangas. O brilho do carro debaixo do sol a perfurou feito lança, estacou no meio da escada. Cecille a puxou pelo braço e entregou os pertences à matriarca, tudo coube numa frisqueira.

Na estrada, Júlia via passar o lombo das serras e cachoeiras que pela distância pareciam congeladas, um fio branco imóvel com começo, meio e fim. Na cidade, depois de viadutos e túneis, enjoada pela constância hipnótica do trajeto, Júlia desceu na porta da pequena mansão.

Leila atravessou com ela as salas da casa. Na cozinha serviu uma sopa de carne que a esperava sobre o fogão, olhou-a sorver tudo, mas sem acompanhá-la. A menina limpou a boca com um guardanapo e foi encaminhada para uma edícula ao fundo. Leila deixou a mala de Júlia ao lado de uma cama de solteiro. No quartinho ainda havia um guarda-roupa, um rádio de pilha e atrás da porta uma tábua de passar roupa.

A casa maior cheirava cardamomo, âmbar nos lustres, castanha nos móveis, alaranjada pela luz do dia. Jardim aparado e aprisionado em formas educadas, tâmaras nos potes do guarda-louça, prata sobre a mesa aos domingos. O sobrado no fundo, pela escadinha lateral o acesso ao cômodo destinado a Júlia, seu lugar.

6.

As irmãs francesas recebiam crianças de toda a região, abrigavam os órfãos sem restrição inicial, cuidavam da aparência deles para atrair famílias que os adotassem. Antônio beirava os onze anos. Braços e pernas eram mais curtos que o tronco, também pequeno para a idade.

— O dr. Calixto chegou.

— Irei recebê-lo, apanhe Antônio.

Calixto sentou-se na cadeira, ao lado havia uma cama com lençol e travesseiro, cortina espessa cobria o vitrô, local de consultas médicas eventuais. Antônio veio de bermuda e camisa, sapato de couro com cadarço de algodão. Calixto analisou o menino por duas horas. Fez um sinal com a cabeça denunciando o fim das observações clínicas. Cecille ajudou Antônio a se vestir e o encaminhou para o refeitório, onde iam servir a merenda vespertina.

— Irmã Marie, ele é anão — esclareceu o médico.

— Anão como?

— Anão. Corre riscos pulmonares e coronários inerentes às pessoas com esse destino menor, irmã. Não tenho dúvida, é anão. Algum caso na família?

— Os pais eram normais.

— Nesse caso, os antepassados explicariam a inibição das glândulas de crescimento. Ou o problema pode ter se iniciado nele mesmo. Que Deus não me ouça, mas já ouvi casos em que a mulher adúltera é castigada com um filho defeituoso.

— O senhor me acompanhe até a porta, doutor.

Marie despediu-se de Calixto e, do segundo andar do colégio, foi observar Antônio. Não conhecia anões, nem os que se exibem nas praças. Saber que hospedava uma criança anã foi ter acesso ao berçário das galáxias. Marie queria conhecer o mecanismo do mistério, mas igualmente manter-se longe do fenômeno e da ciência que o explica. Pelo pátio Antônio limpava, com o braço, o leite da boca. Tinha a altura do Moraes, menino de sete anos.

— Tenho esperança de um fazendeiro querer esse rapazola nas rotinas de casa, varrer uma despensa — disse Cecille.

Numa quina da sala estava Geraldina, mãe de Geraldo. Era uma presença que acompanhava o pequeno Antônio, não podia ser vista e essa condição lhe permitia interferir até mesmo no sono do anão. O menino dormia nove horas por noite, com alterações cardíacas coerentes aos sonhos e à influência.

Antônio pouco se lembrava da fisionomia dos pais, que se reduziu a pontinhos sem a reta que os alinhavasse. Da voz sim, um timbre feminino que a memória conduzia para um trovão, de um agudo menor para o maior.

7.

A casa dos Malaquias não ficou sozinha, vizinhos apanharam os pertences da família. Com os donos mortos, os filhos pelo mundo, aquilo era de quem chegasse antes. Veio Eneido, vizinho dos Malaquias e também funcionário da fazenda Rio Claro. Eneido pegou tudo com autoridade de parente: panela, monjolo, cobertas de lã e novelos fiados por Donana rechearam sacos. Gamelas, galinheiro, galinhas, galo, pato, o milho adulto. Secos foram guardados em paiol, molhados, em cumbucas e cuias.

A casa ficou vazia. Tinha-se nos arredores o direito legítimo, apalavrado, de que a propriedade era de Nico, Júlia e Antônio. Eneido só tomaria conta até que chegasse a maioridade das crianças.

Geraldo se interessava pela casa, não a construção, mas a tormenta que houve nela. Reconhecia poderes se estivessem acima dele, embora relâmpagos toquem o chão, ainda mais tenebroso, alcançam as nuvens. Mandava Timóteo, vez ou outra, ver como estava a casa. Só ver, não limpar, não tocar. Depois de levar móveis, roupas e provisões, Eneido deixou as paredes e o teto abrigando ar. Morando perto

da propriedade, notava as visitas diurnas de Timóteo e as noturnas de Geraldo. O fazendeiro era um solteirão ainda robusto, levava umas donas para o cômodo chamuscado. Não comentava o assunto, Geraldo era dono até do que não tinha.

Eneido espiava o movimento da moradia abandonada. Enquanto os de sua casa dormiam, ele ia pela estrada de terra até a cerca de arame e chuchu. Ajeitava-se de cócoras, tirando um legume e outro da haste, abrindo o campo de observação.

Viu Geraldo baixar uma alça de vestido que cobria uma mulher, ele a despia com ânimo taurino. Ela saía de sua larva de algodão, os braços escapavam da roupa laçando o pescoço do touro. De onde estava, Eneido sentia o cheiro da fêmea. Não era muito nova, mulher de tato firme, íntima da carne, deu um seio ao mamífero. A mulher se empinou, ficou mais alta e curva, uma estrada no meio das costas. Da nuca à cintura, uma canaleta se enchia de suor. Eneido fungava o gemido de Geraldo, o casal levantou poeira, pedregulhos que os pés raspavam, indo e vindo.

Vigorosos como Geraldo, quase todos, Eneido incluso. Chegando em casa, este foi ver as filhas dormindo. Frescas, cobertas por lençol, duas meninas abraçadas. Na mais nova, passou dedos entre as coxas pequeninas, encostou no vapor do sexo. Ninguém viu, nem ela sentiu a ponto de acordar.

De volta à fazenda, Geraldo repousou debaixo do colchão uma medalha embrulhada numa calcinha. A dona, em sua casa de também outras donas, bebeu um copo de leite e deixou de molho, com água e sabão, o vestido engomado pelo sumo de Geraldo.

8.

Geraldo não era o único fazendeiro, havia outros, distantes pela própria lonjura dos limites das terras. Não se casou por conta da mãe, cuidou dela até a morte. Depois de parir Geraldo, Geraldina caiu doente de doença sem explicação. Não tinha dores, os olhos lacrimejavam sem parar, uma seiva amarela em torno da íris negra. Foi fecundada três vezes depois de Geraldo nascer. Por três vezes sofreu hemorragias polpudas, não segurou mais vida no útero. Os filhos perdidos, sempre aos quatro meses de gestação, ela enterrava perto do rio. Fazia uma trouxinha de pano com sangue e consistências, amarrava com fiapo de palha seca e rezava pela alma de quem não pôde trazer à luz.

O pai de Geraldo morreu no terceiro filho morto. Os abortos o deixaram impotente, perdeu a força nas pernas, os rins ficaram preguiçosos, a mente enfraqueceu. A matriarca criou Geraldo sozinho. O menino foi tomando conta de tudo sem receio, sem moderação. A voz transbordava, tinha o tom de um chifre, só menos arrastada.

Geraldina Passos morreu no começo de um verão, mas enterrar o corpo não apagou a figura. Restou uma espécie

de memória, que mesmo minúscula e transparente tinha uma estrutura, permanecia organizada e material. Circulava como o pó de uma penteadeira não encerada, a respiração de alguém a faria levitar.

Nos primeiros meses ela ficou em casa, num canto do quarto. Tizica se benzia ao percorrer a vassoura pelo cômodo que Geraldo quis manter fechado. No primeiro Natal sem Geraldina, Tizica pôs o leite no fogo e ele não ferveu. Ficou inerte dentro do bule de ágata, o leite intacto com a gordura dos capins que o gerou, a temperatura não moveu uma molécula do lugar. Nem sequer uma borbulha emergiu, a superfície se manteve lisa.

Tizica comentava o caso na região e era desafiada.

— Fica falando essas coisas, vai atrair a defunta.

— Tem perigo não, o que tá morto, tá enterrado.

9.

Júlia habitava o quartinho dos fundos com a mesma resistência que habitava o orfanato. O rosto nunca adería por completo ao travesseiro, sempre um intervalo entre ela e o ambiente. Ela só podia circular pela casa com autorização de Leila, a mãe adotiva. Comia na cozinha e tinha que se recolher no fim do dia. Aos domingos Leila colocava Júlia para ajudar Dolfina, senhora que já cuidava da mansão há anos e também dormia nos fundos.

— Faz quanto tempo a senhora mora aqui?

Dolfina picava os legumes que a menina ia tirando da geladeira.

— Até esqueci, a mãe da Leila que me trouxe, cheguei grandinha.

Leila recebia visitas tão importantes que Júlia não ia para a sala, tampouco Dolfina. Depois dos pratos servidos, elas ouviam rádio. De vez em quando Dolfina deixava Júlia dormir em seu quarto, botava o colchão perto da porta.

Dos serviços, o menos incômodo era dobrar fronhas e toalhas de rosto. Camisas e outros panos mereciam atenção com vincos e ela não tinha mãos habilidosas com a rapidez.

Já fronhas e toalhas de rosto se dobravam com facilidade e delícia, o algodão macio e cheiroso perfumava a pele. Ela só não podia guardar, não alcançava os maleiros. Comia o que davam, caldo de miúdos de frango, rosca de erva-doce. Preferia sabores terrosos, que ao menos tivessem cor de ferrugem. O mel, de qual florada viesse, devorava como pedaço de pão, mastigando.

No verão seguinte, Leila embarcou Dolfina num navio de grande porte, a empregada ia fazer companhia para a irmã de Leila em outro continente. Em sua ausência veio Ludéria, uma cozinheira que sabia fazer banquetes árabes, bebidas dos sultões. Refresco de rosas molhava copos de cristal e ouro nas bordas, almofadas pela sala, música do Oriente. Júlia ficava com as mãos geladas na presença de Ludéria. Um dia caiu de febre branda e constante. Acharam que fosse verme do tempo da roça, mandaram fazer exames, ver se também não era anemia.

— Isso é manha — disse a cozinheira.

— Manha nunca foi seu defeito, está estranhando a senhora, ela é acostumada com Dolfina — respondeu Leila.

— E Dolfina demora?

— Não volta mais.

Leila explicou que a empregada havia falecido no navio, já era velha e os rins faliram durante a viagem. Ludéria imaginou o calor da embarcação ao sol e se abanou.

— Depois que a febre da menina baixar, eu mesma conto.

10.

Nico fez vinte anos. Antônio alcançou dezessete. Júlia completou quinze.

No ventre do vale ocorria, todos os anos, uma festa invernal em volta da capela. Nico ficou um rapaz loiro e sólido, recebeu permissão para as saídas noturnas. O desejo pinicava a roupa íntima, penteava o cabelo devagar em dia de celebração. Com a pele lisa, vermelha nos pomos do rosto, Nico estava uma macieira.

Pedaços inteiros de animais assavam na brasa. Bebidas quentes fumegavam nas canecas. A noite avançava, abóbada negra, a madeira das cômodas rangendo nos quartos das casas, arraial em fermentação. Em festa, casais se formariam definindo o futuro, ou só ali o meio de o sangue encharcar as veias finas dos calcanhares.

Maria olhava o rio raso espelhar o teto do vale, mais escuro que seus olhos. A nata do rio vibrou com o vento baixo e se alisou em seguida. Maria não morava longe, no vale seguinte às serras do entorno. Morena, cabelo liso, olhos pequenos, risinho na boca miúda. Olhava os rapazes com o queixo para baixo, o olhar de cima para baixo,

de frente para trás como quem recebe uma carta por debaixo da porta.

Nico a viu, e mais nada, o resto da noite. Maria foi abordada por um homem falante que se curvava sobre ela. Ele se aproximava do ouvido, um pé apoiado num tronco deu balanço aos braços, que gesticulavam de forma redonda e lenta. Maria continuou sentada numa madeira, o rapaz mantinha a corte. Ele saiu e voltou com uma lasca de carne num prato. Lasca grossa, coberta por farinha de milho, farinha úmida pelo sangue bovino. Agachou-se e ofereceu metade da carne. Maria negou com a cabeça e olhou para o lado, dando privacidade para que ele enfiasse os caninos na caça.

Não mais falaram, o rapaz desfiava na mão em concha um punhado de fumo fresco, o cheiro inundou o redor. Enrolou o tabaco numa palha, acendeu e acompanhou a fumaça suspender.

Nico bebia aguardente com canela, queimando a garganta.

— Taí paradão, Nico? — Timóteo chegou firmando um cotovelo no balcão.

— Só vendo.

— Quem fica vendo é lobo em volta de galinheiro.

— Como chama aquela perto do rio?

— Com o rapaz? É do Vale Aparecida, uns vinte quilômetros daqui. Toda festa ela vem, desse jeito aí.

— Namorado dela?

— Aquele é daqui não, da outra vez foi igualzinho, ela sentada lá embaixo e um homem em volta.

— Ela não deve gostar de homem desbotado.

— Com esse olho azul, abre esse olho direito que elas te enxergam.

Maria levantou-se e veio em direção aos dois na barraca das carnes. Passou por eles sem os notar. Nico respirou o cítrico dos cabelos limpos, as narinas dilataram-se, os dedos das mãos tomaram distância uns dos outros.

Maria esperava o corte do assado, ela cobriu os cabelos perfumados com capuz de lã, além do frio úmido a fumaça podia defumá-los.

— Posso falar com a moça? — arriscou Nico.

— Fala — sorriu sem olhar, em seguida ficou séria ao notar Nico.

— Como é teu nome?

— Maria.

— Eu sou Nico.

— Você é filho de quem?

— Sou de criação do Geraldo, da fazenda Rio Claro.

— E cadê seu pai e sua mãe? — interessou-se Maria, que voltou a sorrir, mas com economia.

— Morreram de raio.

Maria ficou com o assado esfriando no prato, ouvia Nico, que se abriu sentindo conforto pela primeira vez. Contou o que viu e o que não viu, do raio ao cuidado materno que recebeu por parte de Tizica, empregada já senhora, até a adoção de Júlia por uma família distante.

— Tua irmã ficou rica — ela concluiu.

— Não falaram mais da Júlia pra Tizica, também ela tá velhinha e não vai mais pra cidade.

Do outro lado da barraca, o rival observava Nico.

— Esse sonso deve ser parente dela pra conversar assim
— comentou com o servente da barraca.

— Aquele ali tá com o Timóteo do Geraldo, é lá da fazenda. Parente nada, esse rapaz não tem família.

O rival passou por eles e despediu-se de Maria tirando o chapéu. Ela retribuiu com aceno frouxo.

Os Malaquias

Um casal morre, fulminado por um raio. Os seus três filhos, agora órfãos, seguem destinos separados. É das cinzas que nasce um dos mais cintilantes romances da literatura contemporânea em língua portuguesa.

Nico, Júlia e Antônio perdem os pais de forma trágica: um raio atinge e incendeia a modesta casa da família Malaquias. As três crianças, sobreviventes do desastre e abandonadas à sua sorte, seguem rumos distintos. O rapaz mais velho vai trabalhar numa grande propriedade; a menina é adotada e levada para outra cidade; o mais novo é acolhido no orfanato. Na remota Serra Morena, contudo, chegará o dia em que os irmãos buscarão o desejado reencontro.

Neste romance, Andréa del Fuego inspira-se num episódio da sua história familiar — os seus bisavós morreram fulminados por um raio — e, simultaneamente, bebe de um imaginário literário ancestral. Perante o leitor, desfilam inusitadas personagens — de freiras francesas a traficantes de bebés, de espíritos de antepassados a gente que desaparece no vapor de um bule a ferver —, protagonistas de uma trama hipnotizante, a meio caminho entre o real e o fantástico. *Os Malaquias* é uma pungente homenagem à identidade rural, ao amor fraterno, à memória e à própria literatura enquanto fábula.



«O fogo, mas também um músculo chamado coração, atravessam todo o livro. Este último define com o seu pulsar o ritmo do romance. Frase após frase. Rápido, intenso, temos de nos adaptar às suas pulsações se não nos quisermos perder nos milhões de batimentos com que se constrói *Os Malaquias*.»

Rui Lagartinho, Público

«Vale a pena ler *Os Malaquias* para sabermos de nós próprios. Um dia [...], cada uma das nossas histórias fará parte de uma vertigem como a que é descrita nestas páginas. Então, talvez possa haver leitores a emocionarem-se, a sobressaltarem-se, a deslumbrarem-se, como acontece ao longo desta obra magistral.»

José Luís Peixoto

AUTORA DISTINGUIDA COM O
PRÉMIO LITERÁRIO JOSÉ SARAMAGO

ROMANCE SEMIFINALISTA DO PRÉMIO OCEANOS



Penguin
Random House
Grupo Editorial



penguinlivros.pt



@penguinlivros



companhiadasletrasportugal

ISBN 9789897849213



9 789897 849213 >